

A Concentração de Renda na RMC*

Zeno Soares Crocetti

UNIBEM/UFSC – crocetti@uol.com.br

Nossos Inimigos

Nossos inimigos dizem: "a luta terminou".

Mas nós dizemos: "ela começou".

Nossos inimigos dizem: "a verdade está liquidada".

Mas nós dizemos: "nós ainda a conhecemos".

Nossos inimigos dizem:

"mesmo que ainda se conheça a verdade, ela não pode mais ser divulgada".

Mas nós a divulgamos.

*Bertolt **Brecht***

Introdução

A economia paranaense vem passando por uma série de transformações nos últimos anos, em função de novas configurações na base produtiva, com efeitos visíveis na dinâmica econômica, social e espacial.

As mudanças se traduzem no rearranjo da estrutura produtiva de muitos segmentos industriais que se reestruturaram e se modernizaram. O impulso dessa reestruturação foi alavancado por uma política estadual de atração de novos investimentos, especialmente concentrada nos setores da indústria metalomecânica, cujo recorte que agora apresento se reportará a Região Metropolitana de Curitiba, dada à concentração dos investimentos.

A indústria paranaense, tradicionalmente orientada pela lógica da disponibilidade de matérias-primas apresenta uma nova tendência, dada por um processo contínuo de diversificação, de novas etapas de produção e de mudanças nos requerimentos logísticos necessários ao enfrentamento dos desafios do novo paradigma de competição internacional.

A análise apresentada neste trabalho tem por objetivo identificar as especificidades delineadas pelo novo padrão de industrialização da economia paranaense e seus rebatimentos em termos da reorganização espacial da indústria.

A questão central da investigação proposta diz respeito à identificação das mudanças estruturais no padrão de aglomeração espacial das indústrias do Paraná nos anos 90,

* Relatório parcial de pesquisa sob orientação do professor Armen Mamigonian, no programa de pós-graduação em geografia da UFSC na área de Desenvolvimento Regional e Urbano. 2008

utilizando o recorte analítico baseado no conceito de arranjos produtivos locais, caracterizado pela concentração geográfica de atividades similares e/ou fortemente articuladas e interdependentes.

Este trabalho se divide em quatro seções. A primeira faz uma historicidade da questão teórica e prática do neoliberalismo, fase superior do imperialismo, e versa sobre o referencial teórico que fundamenta os estudos sobre arranjos produtivos locais, resgatando o papel da inovação tecnológica como elemento da competitividade sistêmica e como um dos principais fatores estratégicos na promoção do desenvolvimento regional.

Na segunda parte, discutem-se os problemas metodológicos associados aos testes das relações entre indústria, comércio e emprego e apresenta-se a opção escolhida para tratar o caso paranaense; com base nas discussões realizadas nessas duas primeiras seções, analisa-se, na terceira, a experiência paranaense recente e a concentração dos investimentos na RMC; finalmente, na quarta seção, apresentam-se as principais conclusões obtidas no decorrer desse trabalho.

O neoliberalismo

O neoliberalismo tem início logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, na Europa, depois nos EUA, onde o capitalismo imperava com maior vigor. Ele surge como reação teórica e política contra o Estado intervencionista e de bem estar. Sua tese original é o texto de Frieorich Hayek, O Caminho da Servidão, datado de 1944.

É um ataque velado e radical contra os mecanismos de controle do Estado, imposto pelo Mercado. Prega liberdade total de comércio, sem limitações. Denunciadas como uma ameaça letal à liberdade, econômica e política. Sua mensagem é drástica apesar de suas boas intenções, a social democracia moderada do partido Trabalhista inglês, conduzirá a Inglaterra ao mesmo desastre que o Nazismo Alemão, ou seja, a servidão moderna.

Hayek inconformado com o avanço do Estado de Bem-estar na Europa, em 1947 convocou alguns simpatizantes de sua orientação ideológica para uma reunião na Suíça. Entre os participantes estavam também inimigos declarados do (novo programa - New Dean — estadunidense) Nesse encontro se fundou a sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de Franco-maçonaria Neoliberal, retamente organizada e dedicada. Seu objetivo básico era combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases do novo capitalismo, duro e livre de regras.

Nesse período, (1945-60), o mundo vivia sua idade do ouro, apresentado o crescimento mais rápido da economia. Por razão, a polêmica contra a regulação social, tem uma receptividade maior, e Hayek e seus companheiros pregam que o novo igualitarismo deste período, promovido pelo Estado, de Bem-estar, destruiu a liberdade do cidadão e a vitalidade da concorrência. Desafiando o consenso oficial da época, eles argumentavam que a desigualdade era um valor positivo - Na realidade imprescindível em si, pois disso precisavam as sociedades ocidentais. Essa tese permaneceu na teoria Neoliberal por mais de 20 anos.

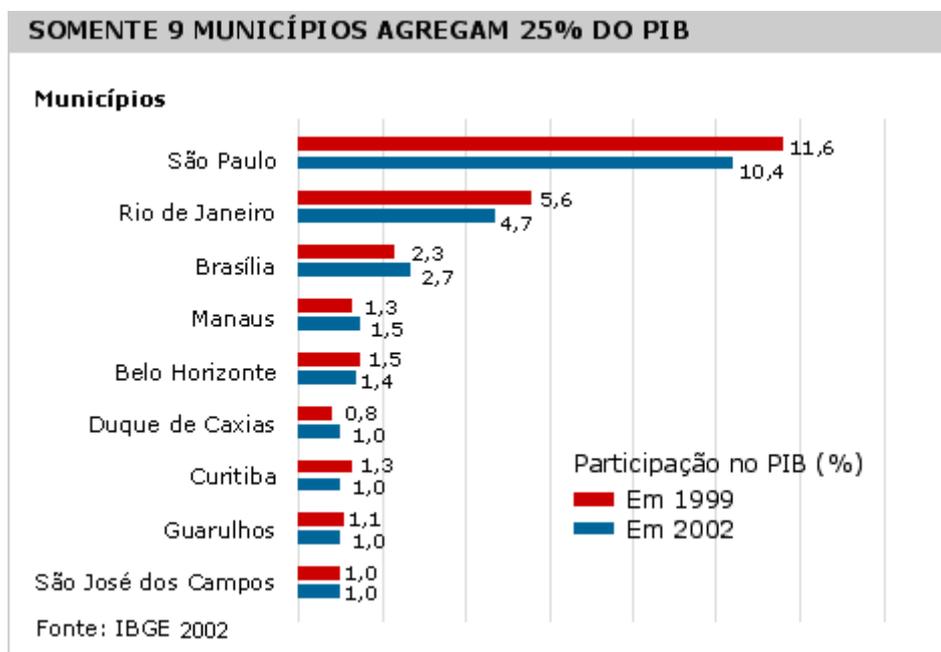
Com crise do petróleo de 1973, que levou o mundo a uma bruta recessão, combinando com baixas taxas de crescimento da economia aliados as altas taxas de inflação, pela primeira vez, abriu caminho para as idéias Neoliberais, que passaram a ganhar maior visibilidade. As raízes da crise, afirmava Hayek e seus companheiros, estavam localizados no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento social organizado, que corroeram as bases da acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários, e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez os gastos sociais.

Os salários e os encargos sociais destruíram os níveis necessários de lucros das empresas e desencadearam processos inflacionários que levaram a uma crise geral das economias capitalistas. O remédio era claro; manter o Estado forte; sim; mas só na sua capacidade de romper e esmagar o poder dos sindicatos e o controle do dinheiro, mas sem ação e fraco para intervenções econômicas e gastos sociais. Mas isso só terá sucesso com estabilidade monetária, inflacionária, que irá garantir as bases do intervencionismo Neoliberal.

A implantação do modelo

A variante neoliberal no Brasil (assim como na América Latina) consiste de algo diferente dos modelos Japonês, Europeu e Estadunidense. Nos Estados Unidos, o próprio Estado de bem-estar social contou com uma grande rede de empresas privadas, que complementavam os serviços públicos. No Japão, o grosso do atendimento da população, quanto aos bens sociais, sempre foi feito por empresas privadas. Em ambos os países, constituem uma tradição, dispor de um conjunto de empresas privadas para atender o público, dos bens sociais no varejo. Na Europa, com exceção da Inglaterra, que desenvolveu um modelo semelhante ao dos Estados Unidos, a Alemanha e a Itália apostaram nos serviços cooperativos e os outros países da Europa, de um modo geral, construíram o seu modelo de Estado de bem-estar a

partir da ação da social democracia, os bens sociais foram desmercantilizados com uma forte oferta pública e praticamente inexistindo empresas de atuação no setor de varejos.



O Brasil está construindo o seu projeto neoliberal, iniciado no governo Collor e aprofundado no governo Fernando Henrique Cardoso e com menos intensidade no governo Lula, dentro de um projeto de construção de um centro dinâmico para a economia brasileira, só que agora num contexto de globalização.

FHC não tinha abandonada a sua perspectiva de “autonomia na dependência” –, o que implicou na criação de um sistema de financiamento interno que estimularia um conjunto de atividades econômicas voltadas para o varejo e o estímulo a competição em algumas áreas no plano internacional. Os bens sociais no Brasil, mesmo quando oferecidos pelo Estado, o é em estreita parceria com a iniciativa privada - os fornecedores são na grande maioria privados (de livros didáticos a remédios) e já ocupam os maiores filões de renda (tanto escolas privadas como hospitais privados).

A Nova Ordem Mundial se sustenta nas velhas desigualdades entre os habitantes, assim como nas velhas distinções entre classes de países. Os caciques da aldeia global são os 23 países desenvolvidos, que concentram nada menos que 80% do Produto Interno Bruto (PIB) do globo, US\$ 20,5 trilhões, mas onde moram apenas 15% da população: Estados Unidos, Canadá, países da Europa Ocidental, Austrália, Japão e Nova Zelândia. Neste grupo exclusivo, a renda per capita média é US\$ 24 mil. Nos outros 162 países, US\$ 1 mil.

"É fácil de constatar as disparidades, basta dar uma volta nas ruas", disse o cientista político e lingüista estadunidense Noam Chomsky, ao visitar em novembro de 1998, pela primeira vez o Brasil. Diariamente, circulam US\$ 3 trilhões nos mercados financeiros mundiais. Diariamente também, um quarto dos habitantes do planeta vai dormir com fome, o que corresponde a cinco vezes a população dos Estados Unidos. Há cada vez menos barreiras para o percurso do capital. O volume de comércio exterior, base da internacionalização econômica, cresceu em média 5,3% nos quatro primeiros anos da década de 90, o maior avanço desde o início dos anos 70. Não houve, porém, contrapartida no aumento da riqueza mundial. Ao contrário: a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto nos anos 90 foi a mais baixa da segunda metade do século 20, 1,71% ao ano em média, segundo mostra um estudo do economista Simão Silber, professor de Economia da USP. A conclusão é que a intensificação da circulação de mercadorias entre os países, uma marca do globalitarismo, não tem melhorado a vida da maioria das pessoas nem tampouco da maior parte dos países. O capital circula com mais velocidade, mas a quantidade de produtos continua praticamente a mesma, ou seja, maior produção com menos trabalho, logo menos consumo.

Para os países candidatos ao modelo nessa guerra global, reza o manual globalitário que é necessário satisfazer cinco condições:

- Estabilidade da economia com crescimento controlado;
- Modernidade através de reformas eficazes;
- Flexibilidade administrativa, produtiva e trabalhista;
- Privatizações (Estado mínimo);
- Globalização da economia, livre cambismo total.

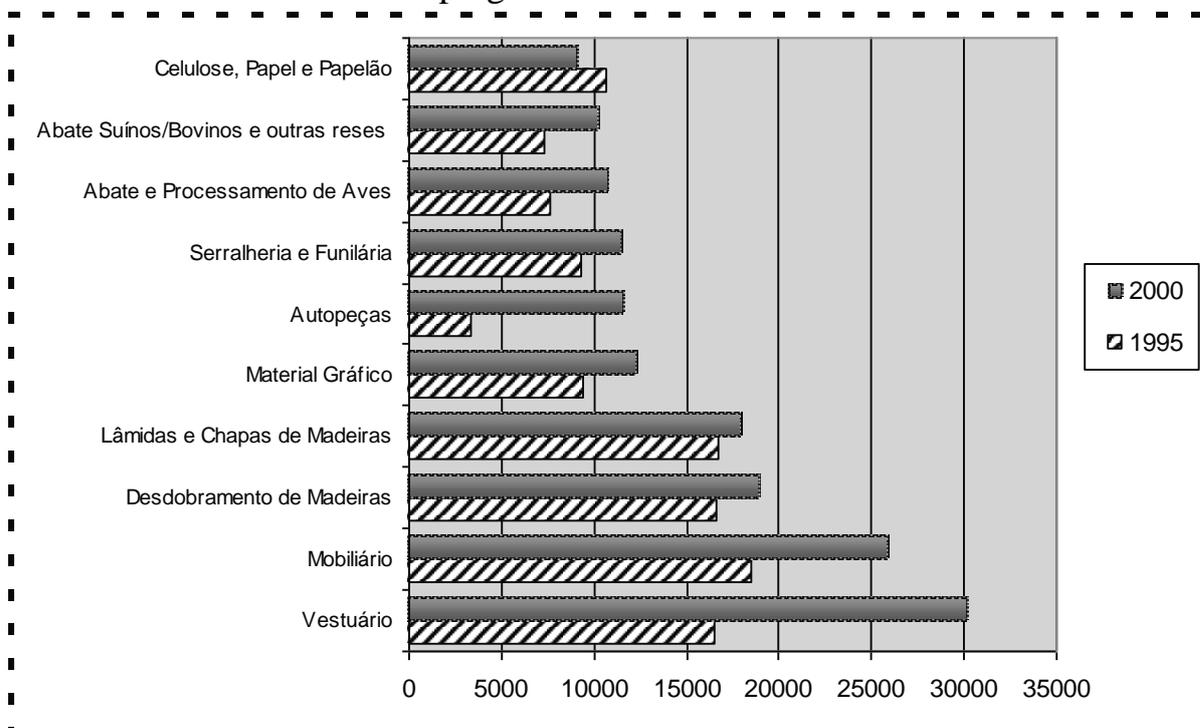
Para a implantação do projeto da nova ordem mundial (o globalitarismo) o Estado nacional – como o conhecemos hoje – deve ser eliminado. A coordenação das políticas macroeconômica passa para os cartéis (megaempresas globais) ou organismos internacionais (FMI/Banco Mundial/OMC). Os serviços públicos devem ser privatizados para se adaptar as estratégias globais. O Estado Mínimo passa a ser então sinônimo de legislação e ainda assim basicamente na área civil, pois as de ordem econômica e trabalhista devem ser padronizadas e flexibilizadas – a formação da União Européia expressa claramente esta perspectiva. E também deve se organizar, assumindo total responsabilidade para que os excluídos não perturbem os incluídos na “nova ordem”, garantindo a eles, ordem e segurança que a produtividade/

qualidade/racionalidade requer. Hoje se fala em políticas compensatórias para diminuir os impactos dessa política globalitária excludentes e gestora da pobreza, fruto dos ajustes estruturais em curso para adaptar as economias locais a lógica da nova dinâmica da economia mundial.

Arranjos produtivos e desenvolvimento regional

A chegada da francesa Renault, em 1996, foi um marco na diversificação da economia do Paraná; em dez anos, o Estado ganhou 700 novas empresas e o PIB triplicou. Contradições à parte, o Estado experimentou também investimentos nos mais variados setores. Um dos mais significativos ficou por conta da indústria madeireira, agregando valor à outra atividade típica do Paraná, mas antes praticamente restrita ao extrativismo.

Número de Empregos Por Atividade 1995-2000



Fonte: RAIS/TEM/IPARDES, 2003.

No setor, somam-se os recursos de cerca de US\$ 1,5 bilhão aplicados pela portuguesa Tafisa, pela chilena Masisa, pela Klabin e pela Synteko, entre outras. A Tafisa, do grupo Sonae, implantou três fábricas no município de Piên. Produz painéis MDF (*Medium Density Fiberboard*), entre outros produtos também destinados à indústria moveleira e da construção civil. A Masisa também produz os painéis MDF em Ponta Grossa, para onde pretende atrair fabricantes de móveis.

"O Paraná é o maior pólo madeireiro da América do Sul", afirmou recentemente o vice-presidente executivo da Synteko, Gilberto Costa, ao anunciar a transferência de Gravataí (RS) para Araucária (PR) de seu centro de governança e planejamento. Produtora de resinas termofixas, a empresa é fornecedora das principais indústrias de placas, aglomerados, MDF e móveis.

Em 2002, investiu US\$ 8 milhões para ampliar a unidade paranaense, atraída pelo aumento da presença de empresas do setor. "Com vantagens competitivas (como o desenvolvimento mais rápido dos reflorestamentos no Brasil), o capital estrangeiro veio para cá", comenta Costa. E atrás dele, o executivo prevê mais US\$ 1 bilhão em investimentos no setor até 2006. Em sua opinião, 70% desses recursos ficarão no Paraná.

Por conta desse desenvolvimento, o governo pretende implantar um centro de design para móveis na região de Piên, a apenas 20 quilômetros do polo moveleiro de Santa Catarina centralizado em São Bento do Sul.

Na ponta do desenvolvimento tecnológico, o município de Pato Branco, no Sudoeste do Paraná, trabalha para se transformar num pólo eletroeletrônico. Desde 1997, a cidade recebeu 41 empresas de base tecnológica. Estão lá, por exemplo, a CPM, uma das maiores do Brasil na área de *software*, e a Hosonic, única fabricante de cristais de quartzo da América Latina. Os cristais abastecem empresas de telecomunicações e eletroeletrônicas.

Avaliação e Evolução do PIB Paranaense 1993-2015

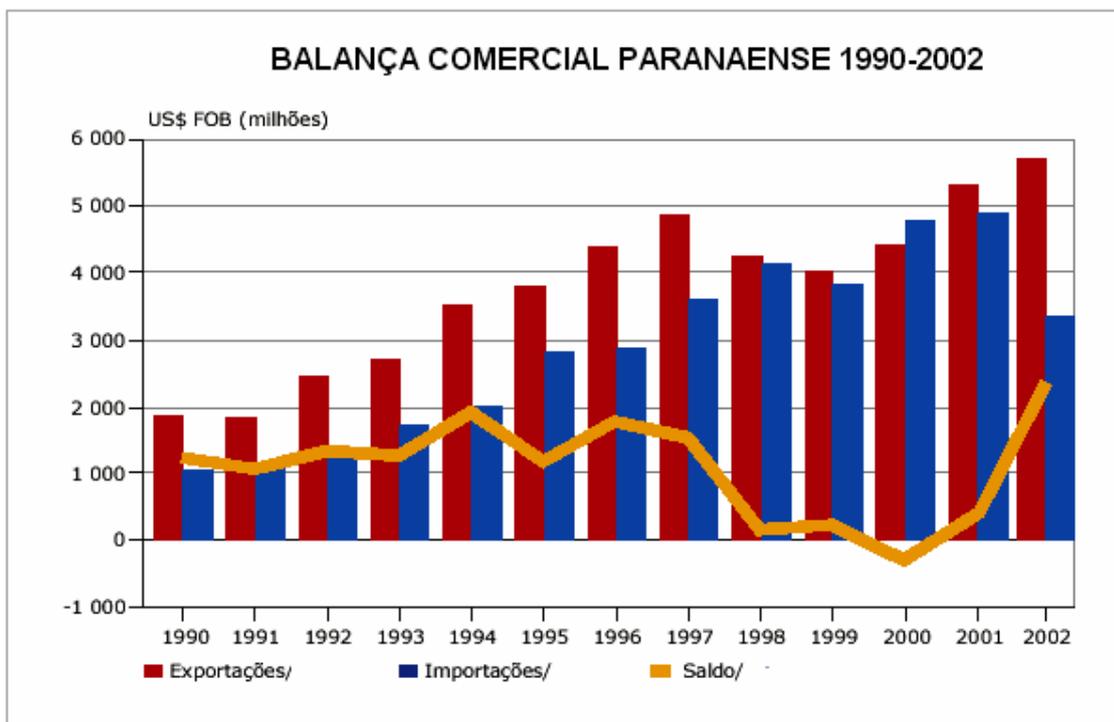
Setor	Primário		Secundário		Terciário		PIB - Paraná		PIB per capita US\$
	Bilhões de US\$	%	Bil de US\$	%	Bil de US\$	%	Bil de US\$	%	
1993	3,149	11	9,295	33	15,367	56	27,811	100	3.240
2005	3,831	8	17,446	35	28,668	57	49,945	100	5.040
2015*	4,874	6	29,110	36	47,370	58	81,354	100	7.310

Fonte: SEFA/IBGE 2006. * projeção.

Neste campo, Pato Branco concorre com o Pólo de *Software* de Curitiba, cuja âncora é o Centro Internacional de Tecnologia de *Software* (CITS). O centro é mantido por 12 empresas, entre elas Siemens, Copel, Furukawa e HP, e já é responsável pela transformação do Paraná no segundo maior produtor de *softwares* do Brasil.

A Microsoft iniciou as operações, em Curitiba, do primeiro centro de treinamento e desenvolvimento na linguagem XML (*Extensible Markup Language*). A unidade é parte de investimentos de US\$ 100 milhões que a empresa está fazendo no Brasil.

Segundo especialistas, dois fatores foram decisivos para a atração de tantas empresas: o programa de incentivos fiscais do governo e o desenvolvimento do setor de ciência e tecnologia baseado em grande parte nas universidades do Estado.



Na guerra dos incentivos fiscais, o Paraná teve de mudar seu programa de benefícios, por conta de ações impetradas especialmente pelo Estado de São Paulo. Hoje, novas empresas ou as que pretendem expansões têm prazos variáveis para começar a recolher o ICMS. A maior parte recebe dilações de 48 meses.

No caso das montadoras, as dilações foram por seis anos. No final do governo Lerner (2002) foram prorrogadas no caso das montadoras por mais cinco anos.

Mas a agroindústria paranaense ainda continua como fator de sustentação de grande parte das atividades econômicas do interior do Paraná. No entanto, é nítido o esgotamento de sua dinâmica em bases extensivas. O novo padrão agroindustrial está se orientando para a produção de bens mais elaborados, condizentes com a qualidade e a estratégia das grandes indústrias de alimentos, e para a reestruturação da indústria tradicional, desvinculando-se da proximidade das fontes de matéria-prima e buscando vantagens locacionais de outra ordem.

A reconfiguração produtiva do Estado rumo ao novo padrão de industrialização exige dos agentes locais esforços para criar as condições internas ao desenvolvimento de Sistemas Locais de Inovação (SLI) que possibilitem o desenvolvimento regional sustentável.

TABELA 1 - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS, DE EMPREGADOS E PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO ESTADUAL SEGUNDO REGIÕES DO PARANÁ - 1990/2000

N.º	REGIÃO	NÚMERO ESTAB.	EMPREGADOS				PARTICIPAÇÃO VA ESTADUAL (%)		
			1995		2000		1990	1995	2000
		2000	Abs.	%	Abs.	%			
01	Metropolitana Norte-Paranaquá	399	4.941	1,62	7.739	2,17	3,42	3,80	6,06
02	Metropolitana Sul-Curitiba	5.752	113.906	37,46	124.624	34,99	51,09	54,35	49,55
03	Ponta Grossa-Castro	999	25.269	8,31	25.438	7,14	7,33	11,15	13,60
04	Irati-União da Vitória	969	13.727	4,51	16.053	4,51	2,10	2,27	2,60
05	Jacarezinho-Santo Antônio Platina	413	5.826	1,92	6.919	1,94	1,12	1,08	1,10
06	Cornélio Procópio-Bandeirantes	263	3.854	1,27	5.188	1,46	2,37	0,67	0,66
07	Londrina-Cambé	2.082	36.391	11,97	45.097	12,66	8,37	8,18	8,63
08	Apucarana-Ivaiporã	738	10.746	3,53	11.032	3,10	2,43	1,81	1,85
09	Maringá-Sarandi	1.671	22.746	7,48	26.958	7,57	6,42	4,04	4,07
10	Paranavaí-Loanda	491	6.055	1,99	8.255	2,32	0,57	0,62	1,11
11	Umuarama-Cianorte	1.029	12.414	4,08	15.163	4,26	1,30	1,67	1,61
12	Campo Mourão-Goioerê	420	5.913	1,94	5.840	1,64	2,28	0,90	0,84
13	Cascavel-Foz do Iguaçu	1.105	11.623	3,82	14.276	4,01	2,50	2,52	2,04
14	Toledo-Marechal Cândido Rondon	822	8.626	2,84	13.683	3,84	3,28	2,04	2,02
15	Francisco Beltrão-Pato Branco	908	9.833	3,23	15.119	4,24	1,35	1,85	1,85
16	Guarapuava-Pitanga-Palmas	872	12.219	4,02	14.836	4,16	4,06	3,06	2,41
TOTAL		18.933	304.089	100,00	356.220	100,0	100,00	100,00	100,00

FONTES: MTE - RAIS, SEFA

A posição competitiva da indústria pode ser mais facilmente obtida com o desenvolvimento de um ambiente institucional e industrial favorável ao aprendizado tecnológico, tendo como vantagem locacional, a existência dos SLI criando sinergias e favorecendo a geração, difusão e absorção de inovações.

Do ponto de vista da produção, as indústrias recentemente instaladas e as que passaram por reestruturação são pouco intensivas em matérias-primas e mão-de-obra e têm forte peso de informação e conhecimento incorporado ao valor dos produtos. Dessa forma, as decisões locacionais estão fortemente influenciadas pela disponibilidade de economias de aglomeração, de aprendizado e de eficiência coletiva, o que exige uma base local de ciência e tecnologia acumulada em universidades e instituições de pesquisa, existência de trabalhadores tecnicamente qualificados para exercer as funções exigidas pelas novas tecnologias e novas formas de interação e cooperação entre os agentes.

A indústria tecnologicamente avançada tende a se concentrar tanto setorial como espacialmente, direcionando suas atividades para regiões que já desenvolveram um ambiente de inovação capaz de criar sinergia e para aglomerações industriais com acumulado conhecimento tácito e capacidade endógena de crescimento.

Este estudo tem por objetivo fazer um mapeamento das principais aglomerações especializadas da indústria, utilizando o recorte analítico baseado no conceito de arranjos produtivos locais (APL). Os resultados deste estudo poderão ser utilizados como base de reflexão para se pensar em estratégias de desenvolvimento local que potencializem o desenvolvimento industrial do Paraná de forma equilibrada, competitiva e sustentável.

A consolidação dessa tendência exigirá dos agentes locais esforços para criar as condições internas ao desenvolvimento dos SLI possibilitando o desenvolvimento regional sustentável.

Novos investimentos e reestruturação da indústria paranaense

As transformações recentes na estrutura produtiva do setor industrial brasileiro têm mudado o padrão de articulação entre os agentes econômicos nacionais e internacionais e o padrão de localização espacial das atividades produtivas. Observa-se uma nova tendência de localização espacial da indústria para fazer frente aos requisitos de competitividade. O movimento de capitais busca maiores níveis de eficiência dos fatores produtivos e uma aproximação com os núcleos indutores de inovação (mão-de-obra especializada, instituições de ensino e pesquisa e serviços de apoio industrial) localizados espacialmente. Estes novos fatores locacionais estão conformando uma nova dinâmica e um novo desenho espacial dentro da indústria brasileira.¹

Este movimento se insere na estrutura produtiva do Paraná, acelerando o processo de concentração setorial e espacial das atividades. A rota dos novos investimentos, principalmente na segunda metade da década de 90, contempla ainda poucas regiões e segmentos, apontando uma **reconfiguração da base produtiva** através de dois vetores dinâmicos.

O primeiro e mais importante diz respeito ao processo recente de implantação de unidades montadoras na Região Metropolitana de Curitiba, que contou com fortes incentivos fiscais e acionários do governo do Estado, reforçado ainda pelo regime automotivo – programa de incentivos do governo federal, criado em 1995 e vigente até 1999. Que garantia às montadoras instaladas no país a redução dos impostos de importação de peças, componentes, equipamentos e máquinas, e a isenção do Imposto de Produtos Industriais (IPI) na compra de bens de capital.

¹As principais teses sobre as transformações recentes do desenvolvimento regional brasileiro são apresentadas por Diniz (1995), que defende a tese da concentração poligonal; Pacheco (1999), que identifica um processo de fragmentação dos núcleos dinâmicos, defendendo a tese das “ilhas de produtividade”; Galvão e Vasconcelos (1999), que analisam a dinâmica espacial da economia brasileira com enfoque na escala microrregional ou local.

As montadoras na Região Metropolitana de Curitiba vieram acompanhadas de empresas multinacionais, fornecedoras de primeira camada que atuam através de aliança estratégica de co-localização. Com a adoção de sistemas flexíveis, no modelo *just in time*, baseados na integração dos supridores de primeira camada com as montadoras via consórcios modulares, e no *follow-sourcing* (quando o fornecedor de autopeças acompanha a montadora) (MEINERS, 1998). O pólo automotivo, subsidiariamente, vem possibilitando o incremento das compras regionais de fornecedores nacionais e locais de segunda e terceira camadas e estimulando-as a elevar o padrão tecnológico mediante parcerias com empresas estrangeiras e/ou através de investimentos em P&D.

A Região Metropolitana de Curitiba contou ainda com significativos investimentos em outros segmentos, como no eletro-metalmeccânico, contribuindo para a persistência da concentração setorial e espacial das atividades industriais na região. Esses novos investimentos vêm acompanhados por maior diversificação industrial e conteúdo tecnológico que, somando-se a existência, na região, de ativos tecnológicos importantes intensificando a rede de relações com o setor produtivo, fortemente articulado com os núcleos dinâmicos da economia nacional e com tendência de acentuar sua integração externa.²

O outro eixo de dinamismo da economia paranaense vem sendo sustentado pelos recentes investimentos e pelo potencial de expansão do agro-negócio paranaense.

²Na visão de Pacheco (1999), uma das “ilhas de produtividade”, e na visão de Diniz (1995), como um dos vértices do polígono.

Observa-se que a “agroindústria extensiva” – caracterizada pelo predomínio de pequenas e médias empresas locais, plantas industriais localizadas próximo à produção física agrícola, quase como uma extensão desta, e com atividades mais tradicionais. Como exemplo, beneficiamento de cereais, torrefação e moagem de café, e desdobramento de madeira – está deixando de investir, encontra-se com seus

limites de expansão quantitativos praticamente esgotados, apontando para uma nova tendência de redefinição do padrão de agro-industrialização (BESEN; URBAN, 1998). Em outros termos, a posição competitiva da agroindústria do Estado não se define mais somente por sua base agropecuária e de recursos naturais, mas por uma mudança qualitativa no padrão de industrialização, que requer a exploração conjunta das vantagens competitivas para o enfrentamento de mercados globalizados, estratégia que vem sendo adotada pelas cooperativas e grandes empresas agroindustriais do Estado.

Os novos investimentos na agroindústria que ocorreram nas regiões interioranas, predominantemente nas cooperativas, com significativos investimentos, contaram com linhas de financiamento estadual (Fundo de Desenvolvimento Estadual - FDE) e federal (Programa de Reestruturação das Cooperativas).

Excetuando-se a Região Metropolitana de Curitiba e esses dois eixos de dinamismo, a maioria dos investimentos que vêm ocorrendo em outras regiões do Estado é de pequeno e médio porte e se caracterizam como desdobramentos marginais da estrutura produtiva local. Embora sejam fundamentais para a geração de emprego e renda regional, não são de natureza estruturante no sentido de sua vinculação aos núcleos dinâmicos da economia brasileira.

Os investimentos em segmentos que estão passando por reestruturação produtiva estão ocorrendo de forma espacialmente seletiva, definindo ilhas de produtividade em localidades do interior do Estado.

Participação regional

Ao longo da década de 90, a especialização regional no Paraná não apresenta alteração substancial, acentuando-se o desenho espacial e setorial existente.

A Região Metropolitana de Curitiba concentra aproximadamente a metade do VA da indústria do Paraná na década de 90. No entanto, a segunda metade da década indica certa desconcentração das atividades industriais em favor principalmente da Região de Paranaguá, que aumenta a sua participação de 3,4%, em 1990, para 6,1% em 2000. A mesma tendência ocorre com o indicador de crescimento do emprego. Os segmentos de fertilizantes e defensivos, óleo vegetal e autopeças foram os principais responsáveis por esse crescimento.

Região metropolitana de Curitiba

A Região Metropolitana Sul de Curitiba ocupa uma área de 10.874 km², com população 2.685.088 habitantes, sendo 92,04% urbana, e densidade demográfica de

246,91 hab/km². É composta por 22 municípios, assentados na bacia hidrográfica do rio Iguaçu: Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campo do Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Contenda, Curitiba, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Pinhais, Piraquara, Porto Amazonas, Quitandinha, Rio Negro, São José dos Pinhais e Tijucas do Sul.

Possui 5.900 estabelecimentos industriais, que geraram 124.624 postos de trabalho em 2000, representando 35% do total dos empregos industriais do Estado.

Ao longo da década de 90, altera-se a estrutura industrial da Região Metropolitana Sul Curitiba. Na primeira metade, houve maior participação das indústrias eletroeletrônica e mecânica e, na segunda, de material de transportes. Na eletrotrônica – que abrange cinco segmentos: equipamentos para energia elétrica, materiais eletroeletrônicos, eletrodomésticos, equipamentos para comunicação e aparelhos eletroeletrônicos –, a participação no VA estadual ficou nos mesmos patamares, com 5,55%, em 1990 e 6,19% em 2000, e no setor de mecânica (equipamento para instalação industrial, máquina industrial e máquina-ferramenta e trator e equipamentos para agricultura e mecânicas diversas), houve redução nas 39 participações. A predominância deslocou-se, em 2000, para material de transportes (que abrange os segmentos automóveis, utilitários, caminhões e ônibus; autopeças; carrocerias; e equipamentos de transportes diversos).

Concentração de Renda Municípios do Paraná 2003				
Município	PIB R\$ Valor adicionado	Porcentagem Relação PR	População	
Curitiba	12.842.517.134	16,06	1)	1.587.315
Araucária	8.623.694.753	10,08	14)	86.111
S. José dos Pinhais	4.387.827.996	05,50	7)	204.316
Foz do Iguaçu	4.065.176.543	05,08	5)	258.543
Londrina	3.108.995.750	03,88	2)	447.065
Ponta Grossa	2.713.932.517	03,39	4)	273.616
Maringá	2.072.924.358	02,60	3)	288.653
Cascavel	1.562.594.602	01,96	6)	245.369
Paranaguá	1.169.497.160	01,46	10)	127.339
Guarapuava	1.162.949.668	01,45	9)	155.161
Pinhais	849.931.129	01,06	12)	102.985
Colombo	573.808.815	00,72	8)	183.329
Apucarana	552.678.632	00,69	11)	107.827
Total RMC	30.801.269.729	38,52	25	2.768.434
Total Paraná	79.974.311.391	100	399	9.563.458

Fonte: IBGE/IPARDES, 2004.

A metalmecânica foi responsável por mais de 50% do valor adicionado da indústria da região em 2000, sendo 25% gerado pelo pólo automotivo.

Atualmente, um dos maiores pólos automotivos do Brasil está localizado na região e é composto pelas montadoras: Renault e Volkswagen-Audi (automóveis) Renault-Nissan (utilitários) e Volvo (caminhões). Compreende também o segmento de autopeças, com 96 empresas fornecedoras, sendo 60 sistemistas. Em 1999, a produção de automóveis totalizava 149 mil veículos, representando cerca de 10% da produção nacional. O setor automotivo (montadora e autopeças) é o maior empregador da região, com 12,73% do contingente ocupado.

O segmento de eletrodomésticos representou 1,14% do VA regional em 1990, aumentando para 4,82% em 1995 e declinando para 3,47% em 2000. Esse comportamento se deve aos movimentos de rearranjo patrimonial e produtivo do setor.

O segmento fornecedor de materiais eletroeletrônicos também apresenta tendência de crescimento no final da década de 90, impulsionado pela expansão dos segmentos de telefonia e informática, elevando sua participação no valor adicionado da indústria de 2,54%, em 1990, para 4,35% em 2000.

No que se referem à indústria mecânica, os segmentos de bens de capital para indústria (máquinas-ferramentas) e equipamentos para agricultura e construção civil (tratores e equipamentos) apresentaram elevação na participação do valor adicionado da indústria na região, passando de 3,99%, em 1990, para 5,93% em 2000.

A metalurgia compreende os segmentos de siderurgia, metalurgia e usinagem de metais, e serralheria e funilaria. Excetuando-se a siderurgia (que possui uma grande empresa), o setor é composto por um grande número de empresas, a maioria de pequeno porte. O segmento vem perdendo participação, tanto em emprego quanto em VA (valor adicionado).

O segmento de lâminas e chapas de madeira apresentou no período uma rápida expansão, principalmente em função da ampliação de empresas já existentes como Berneck e Placas Paraná. Este segmento conta com 85 empresas, sendo algumas de grande porte e modernas. É o terceiro que mais emprega na região, com 4,12% dos empregos.

O segmento de edição e impressão é dos que mais crescem na região, representando o terceiro que mais emprega, com 6,01% dos empregos e 1,92% do VA regional.

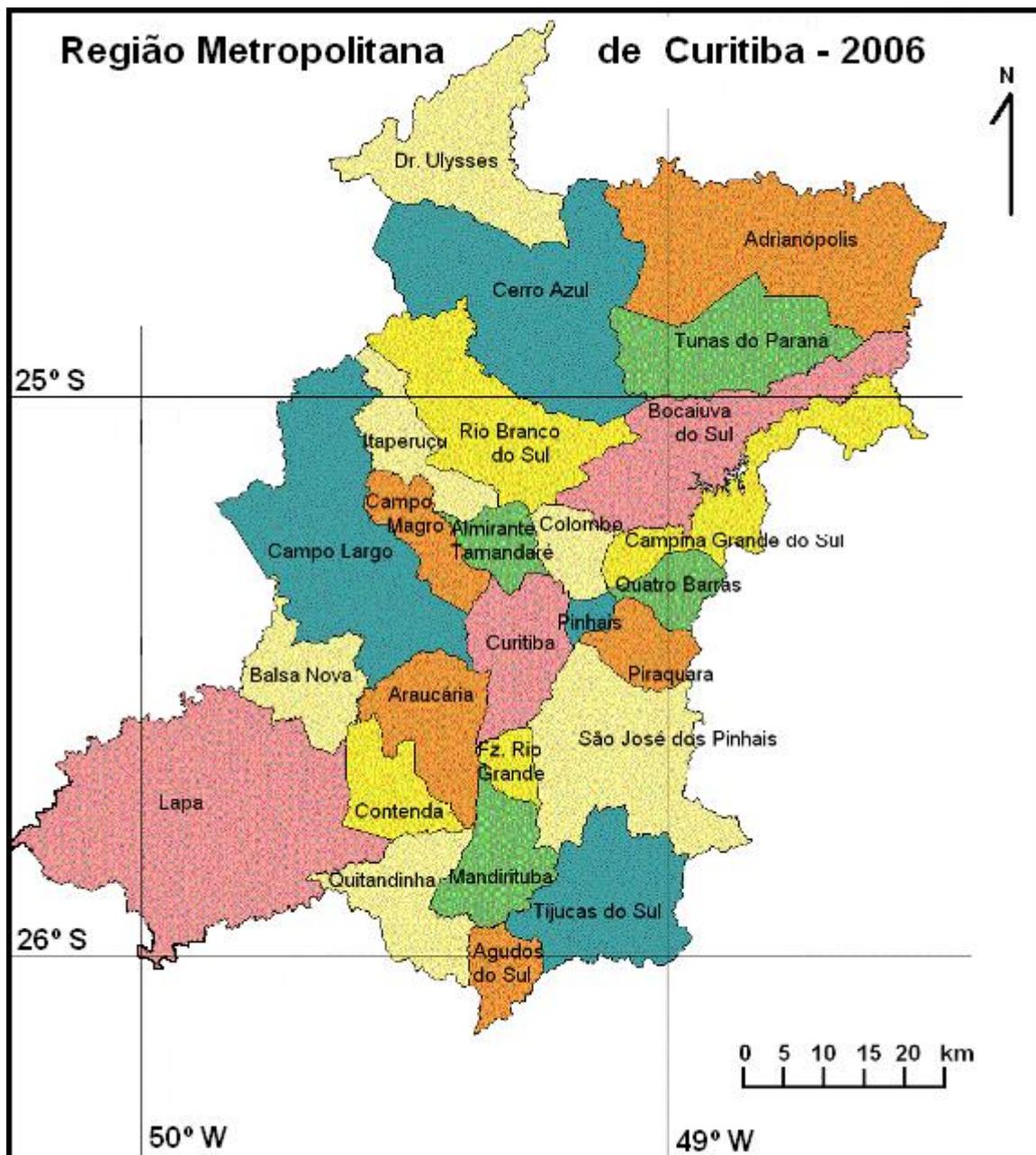
Dos segmentos especializados da indústria química que apresentaram tendência de consolidação e crescimento na década de 90, destacam-se: laminados e artefatos plásticos; embalagens plásticas; fertilizantes e defensivos; e perfumaria e cosméticos.

Outro segmento que apresenta potencial de crescimento e consolidação na região é o de aparelhos e instrumentos médico-hospitalares. O desenvolvimento deste segmento vincula-se à polarização de Curitiba na prestação de serviços médico-hospitalares para regiões que extrapola os limites do Estado e ao ambiente de pesquisa e inovação de suas universidades e instituições de C&T. O segmento é composto por empresas de pequeno porte, produzindo materiais dentários, aparelhos ortopédicos, aparelhos de fisioterapia e ginástica, equipamentos para laboratórios e móveis para clínicas e hospitais.

Alguns segmentos da Região Metropolitana Curitiba apresentaram queda expressiva de participação e mesmo redução no nível de atividade e emprego, destacando-se o de fumo e alguns segmentos de minerais não-metálicos.

O segmento de fumo foi fortemente afetado pelo fechamento da Philip Morris em 1999. Os segmentos de minerais não-metálicos vinculados à construção civil (cerâmica vermelha, revestimentos, louças sanitárias e telhas) tiveram sua dinâmica fortemente afetada pela retração da construção civil nos anos 90.

O setor de cerâmica vermelha sofre também os efeitos negativos do atraso tecnológico e da desqualificação da mão-de-obra. As indústrias de louças e porcelana enfrentaram forte crise, com a concorrência da porcelana chinesa, provocada pela abertura de mercado. A Região Metropolitana Sul-Curitiba é a mais diversificada industrialmente e a mais dinâmica do Estado, concentrando sua produção industrial nos segmentos tecnologicamente mais avançados como o automotivo, material elétrico e de comunicações e química. Essa região consolidou-se ao longo dos anos 90 como uma "ilha de produtividade", conforme conceituação de Pacheco (1999, p.38), e faz parte do "polígono" traçado por Diniz (1995, p.16).



O crescimento da indústria e a intensificação das relações interindustriais, ocorridos principalmente na segunda metade da década de 90, induzem o crescimento e a diversificação do setor terciário da região, que se concretizam em grandes investimentos e fortalecimento das funções de uma grande metrópole – hipermercados, shoppings, hotéis, instituições financeiras, escritórios comerciais, universidades, serviços especializados para empresas, serviços médicos e hospitalares, transportes, serviços técnicos em geral, entre outros.

A nova estrutura industrial da região, sustentada por intensa rede de comércio e serviços e pelo ambiente inovador consolidado pela existência de instituições de

ciência e tecnologia nas últimas décadas, define um grande potencial de crescimento endógeno e uma crescente capacidade de irradiar impulsos dinâmicos de crescimento para outras regiões.

Concentração dos investimentos na RMC

Investimentos no Paraná 1995-2000	
Setor	Valor milhões de US \$
Serviços públicos	7.007,60
Transporte e armazenagem	4.757,80
Mercado Financeiro	3.567,00
Autopeças e montadoras	3.104,40
Metalurgia/Têxtil/Bebidas	1.395,95
Madeira/Móveis/Papel	1.150,00
Alimentos	936,30
Petroquímica/Construção	573,60
Eletroeletrônica/informática	431,50
Outras	229,20
Total Geral	23.153,35

Fonte: IPARDES, IBGE e Gazeta Mercantil, 2000.

Análise Conjuntural do IPARDES comprovou com dados reais, que apontam que 70% dos investimentos feitos no Paraná ficam na Grande Curitiba.

Dos investimentos listados pelo IPARDES, o maior é na área metal-mecânico com \$US 3,649 bilhões, e o de material de transportes, com \$US. 3,029 bilhões. O material de transportes é 100% da RMC, conforme o estudo, e o metal-mecânicos mais de 90% também. Já o investimento agro-industrial, de quase \$US 1 bilhões (para ser exato 987,3 milhões), tem a drenagem de 80,48% para o interior. Nesse caso, urge não esquecer que no eixo Curitiba/Ponta Grossa está o maior parque de oleaginosas da América Latina. Há um adicional nesse trabalho, que alcança \$US 4,753 bilhões que tratam de inversões privadas diretamente ligadas à produção. Esses totais excluem programações de investimentos em infra-estrutura de energia elétrica, telecomunicações, transportes e distribuição de petróleo que no conjunto superam \$US 4 bilhões. Ficaram de fora também algumas intenções de investimento de longo prazo manifestadas pela Renault, Klabin e Electrolux, totalizando quase \$US 1 bilhão. Somando tudo, dão os \$US 12 bilhões, que, segundo Lerner, iria gerar 180 mil empregos. O quadro a que nos referimos é do setor industrial porque a expressão da agricultura e do extrativismo (setor primário) é de pouco significado no conjunto metropolitano e zerada em Curitiba. Junte a isso o potencial do setor terciário

(comércio, transportes, serviços), que são mais agregadores ainda de capital e trabalho e teremos idéia ainda mais forte do desequilíbrio.

Em fevereiro de 2006, a decisão do HSBC de instalar na cidade seu terceiro centro mundial de tecnologia, para desenvolver e exportar soluções para os 77 países onde atua, foi motivo de comemoração. Os outros dois centros ficam na China e na Índia, e os investimentos iniciais do banco para passar a produzir em novo endereço somarão cerca de R\$ 12 milhões em 2006. O anúncio foi feito na prefeitura, que aproveitou para divulgar que, do total de recursos, R\$ 3,5 milhões referem-se ao benefício do ISS Tecnológico, programa que reverte parte do imposto devido para novas aplicações em pesquisa e desenvolvimento. Para 2006 serão liberados R\$ 8 milhões como incentivos fiscais do ISS Tecnológico.

O grupo curitibano Tacla Shopping está construindo aquele que será o maior *shopping center* de Curitiba e de toda a região Sul. Com investimento de R\$ 280 milhões, o Palladium ficará pronto em abril de 2008 e terá como uma das principais atrações o cinema Imax, cuja tela tem o tamanho de um prédio de oito andares e que, por enquanto, na América Latina, só pode ser encontrado em Buenos Aires.

Outro diferencial será a construção anexa de uma torre de escritórios com oito mil metros quadrados de área útil e acesso pelo shopping. O empreendimento, que será voltado ao setor de serviços, como clínicas e escolas, vai proporcionar movimento adicional ao centro. A expectativa é de circular em de 1,5 milhão a 2 milhões de pessoas por mês, o dobro do giro do maior shopping da cidade atualmente, o ParkShopping Barigüi, um investimento de R\$ 200 milhões liderados pelo Grupo Multiplan.

O shopping Estação abriga também dois teatros (um de bonecos e outro com 320 lugares) e dois museus - do perfume e de ecologia. Em dois anos, passaram pelo local mais de 800 mil pessoas de várias partes do mundo, presentes a 470 eventos entre congressos, feiras de negócios e shows. Em 2001, por exemplo, segundo dados do SEBRAE, apenas 65 mil eventos foram realizados no Sul do Brasil. Destes, Curitiba recebeu 5 mil.

Integrado à antiga Estação Ferroviária de Curitiba, o Estação trabalha na atração de eventos para a cidade, e para isso dispõem de 25 mil metros quadrados de área construída, equipada com tecnologia e serviços inteligentes.

Flexível e multifuncional, o espaço pode ser utilizado na totalidade ou de acordo com o tamanho do evento. Foi projetado para atuar no mercado de formaturas, bailes e

casamentos. Apesar do tamanho, o centro de convenções se presta a eventos pequenos. Seus espaços foram projetados para abrigar de 12 a 2,7 mil pessoas.

Inaugurado em março de 2004, é considerado o mais moderno e completo centro de eventos da América Latina. Para os eventos de negócios, dispõe de características pouco usuais nesses empreendimentos - tem um heliporto, por exemplo, com acesso à sala VIP, e serviço de alimentação com capacidade para 10 mil refeições.

Em 2005, o emprego no interior continuou crescendo, mas a grande Curitiba teve melhor desempenho. Em 2005 o crescimento dos empregos formais (com carteira assinada) foi de 4,23% no Paraná, sendo 3,81% no interior e 4,89% na região metropolitana, onde foram criados 32.433 empregos, sendo 13.757 (ou 42%) no segmento de serviços. No encerramento do exercício a região metropolitana estava com 696 mil pessoas empregadas.

Na Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho, o salário médio em Curitiba era de R\$ 1.349,70, em 2004 (último ano disponível), 9,4% superior ao de 2003.

A Sadia centralizou em Curitiba seu departamento de serviços, antes pulverizado por 30 cidades. 600 funcionários passaram a integrar o novo complexo, 60% dos quais vieram de outras cidades, segundo Valmor Savoldi, diretor de planejamento.

No caso da Kraft, a mudança começou em 2000 e terminou em 2005 e fez parte de uma adequação dos processos produtivos. Foram transferidas linhas de produção da Lacta, de São Paulo, e uma parte do chamado *dry mix* (gelatinas, sobremesas em pó), que era feita em Jundiá. No total, foram investido US\$ 120 milhões e contratados em Curitiba mais de 3 mil profissionais, segundo Paulo Pássaro, diretor de desenvolvimento organizacional.

Somado ao desempenho da Volvo e da New Holland, que estão em Curitiba desde a década de 70, o número de empregos do setor metalúrgico cresceu e forma considerável com a chegada de Renault e Volks/Audi. Em 1996, antes das duas novatas entrarem em atuação, os funcionários eram 5.022; em 2004, esse número chegava a 23.961, segundo dados do Dieese.

Capital virada de cabeça para baixo

Curitiba viveu períodos de muita glória e justo reconhecimento, mas experimentou um processo chamado de "curitibalização" pela arquiteta e professora Fernanda Sánchez Garcia no livro "*Cidade Espetáculo - política, planejamento e city marketing*".

Segundo a arquiteta, a construção de uma imagem urbana "influenciou marcadamente a identidade coletiva". O que resultou na "reprodução acrítica" da imagem de cidade-modelo e no "empobrecimento da consciência social".

As maiores críticas à experiência curitibana de planejamento vêm do custo que o processo acabou por impor aos municípios da região metropolitana, que, por falta de planejamento integrado, absorveram "todas as mazelas e problemas cujo ingresso foi vetado na capital".

Potencial de Consumo 2003		
Município	Concentração PIB	Potencial de Consumo Sul
Curitiba	17,00 %	24,0 %
RMC	38,52 %	43,0 %
Londrina	03,88 %	05,0 %
Maringá	02,60 %	05,0 %
Araucária	10,08 %	06,0 %
São José dos Pinhais	05,50 %	03,0 %
Joinville		10,3 %
Florianópolis		09,5 %
Porto Alegre		20,5 %
Caxias do Sul		11,3 %

Fonte: IBGE/IPARDES Revista Exame, 2003.

Dennison de Oliveira, professor de História da Universidade Federal do Paraná, que elaborou tese de doutorado sobre o planejamento da cidade. A tese foi defendida na Unicamp e publicada no livro "Curitiba e o Mito da Cidade Modelo".

Parte do problema causado pela industrialização de Curitiba dentro de seus próprios limites está sendo corrigida neste novo período de industrialização, que procurou descentralizar os investimentos, incluindo o interior do Estado e a região metropolitana. Mas, de novo, não sem o ônus do crescimento desordenado nos municípios vizinhos a Curitiba.

Hoje, alguns deles, como Fazenda Rio Grande e Campo Magro, crescem em população a taxas de 9% e 6% ao ano. O que já havia acontecido com outros na década de 80, quando Colombo, por exemplo, viu sua população aumentar em 10% ao ano.

De qualquer forma, a própria Curitiba está "colhendo os frutos de processos jogados para frente", como afirma o vereador licenciado Jorge Samek (PT), autor dos livros "Curitiba do Terceiro Milênio" e "Curitiba, entre o Mito e a Realidade".

De acordo com sua pesquisa, exigências fora da realidade impediram a construção de moradias para a população de renda mais baixa em Curitiba.

"Os mais pobres tinham de morar na região metropolitana ou invadir terrenos", analisa Samek. E foi o que se viu em larga escala na década de 80. "Hoje há pelo menos 50 mil famílias em áreas de ocupação em Curitiba", afirma Samek.

Se, por um lado, a capital paranaense conta com um orçamento de R\$ 1,1 mil por habitante, municípios como Campo Magro, por exemplo, têm apenas R\$ 150, inviabilizando um bom atendimento às necessidades dos moradores.

Conclusão

A indústria paranaense, assim como a brasileira, enfrentou, na década de 90 do século XX, inúmeros desafios, tanto no processo produtivo quanto nas relações com o mercado, exigindo uma postura mais ágil e dinâmica em suas estratégias de gestão produtiva e em seu posicionamento no mercado.

Esse ajuste resultou em concentração patrimonial e produtiva em alguns setores, com impacto negativo sobre os postos de trabalho. Por outro lado, refletiu-se positivamente na modernização produtiva, incorporando novos processos e tecnologias, conformando um novo perfil do tecido industrial do Estado, aproximando-se aos setores mais dinâmicos do país.

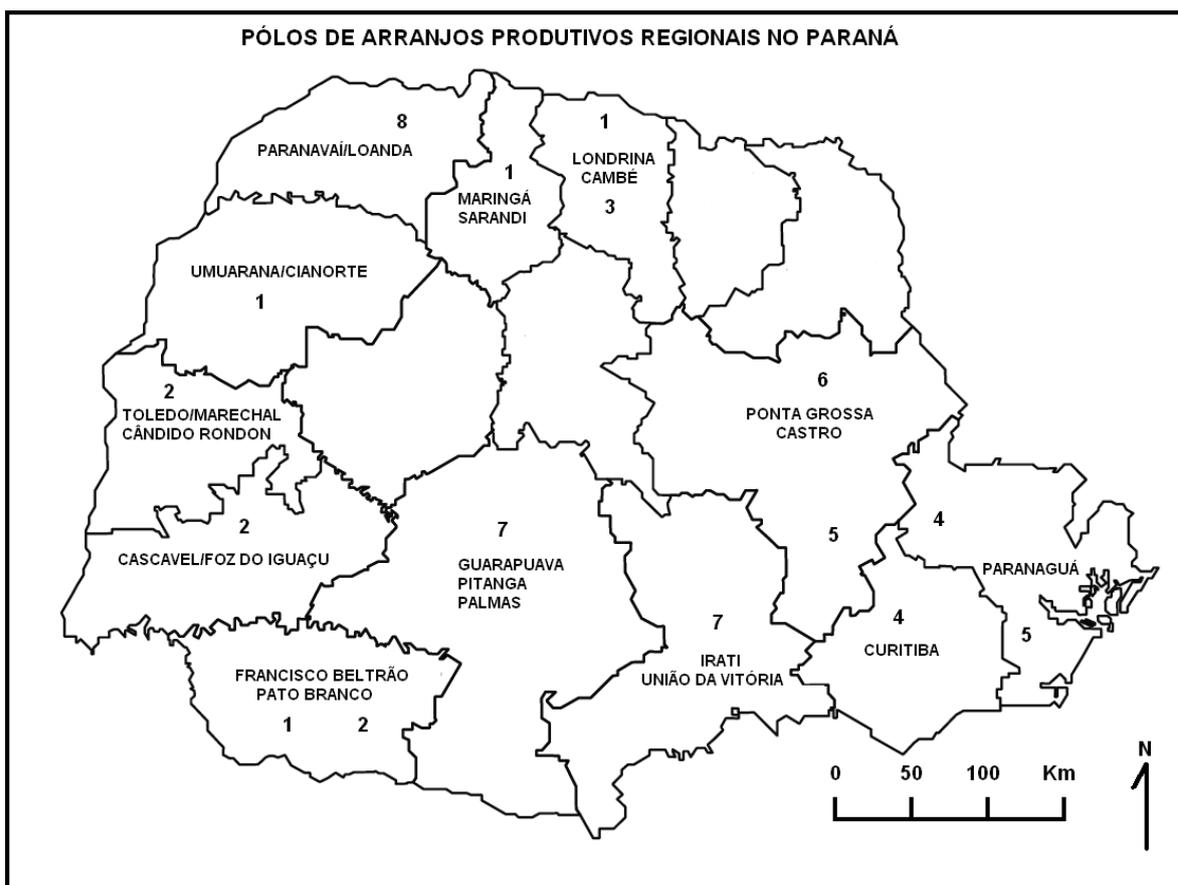
O quadro atual da indústria paranaense espelha uma estrutura empresarial composta por três grandes grupos distintos:

- O primeiro composto pelas grandes empresas nacionais e multinacionais que aumentaram sua participação no Estado, através de aquisições e *joint-ventures*, particularmente nos setores eletro-metalmeccânico e em alguns segmentos da agroindústria. Cabe destacar que as estratégias adotadas são distintas. No caso das multinacionais verifica-se a extinção de marcas locais (na eletro-metalmeccânica) e desativação de plantas (na agroindústria), centrando suas linhas de produtos no seu núcleo de negócios, a exemplo das aquisições verificadas no setor lácteo e de carnes. Já, as grandes empresas nacionais procuram diversificar suas linhas de produtos e identificar novos nichos, acompanhadas de grande esforço exportador.
- Um segundo grupo estão às cooperativas, cuja estratégia tem sido de ampliação e diversificação produtiva, buscando consolidação de suas marcas e maior participação no mercado externo.
- Último grupo está às pequenas e médias empresas, onde predominam ambientes com restrição produtiva, fundamentalmente de natureza tecnológica, financeira e de gestão. Cabe a esse grupo realizar parcerias públicas e privadas mais ativas, visando à incorporação e promoção dessas iniciativas ao contexto do desenvolvimento regional.

Em nível regional, apontam-se tendências de novas conformações locais, traduzidas pela criação ou fortalecimento de alguns pólos produtivos regionais (potenciais arranjos produtivos) e pelo enfraquecimento de outros.

Pelos dados pesquisados e analisados, pode-se aferir a consolidação dos seguintes pólos:

1. **Têxtil**, nas regiões de Londrina/Cambé, Maringá/Sarandi, Umuarama/Cianorte e Francisco Beltrão/Pato Branco;
2. **De carnes**, nas regiões de Cascavel/Foz do Iguaçu, Toledo/Marechal Cândido Rondon e Francisco Beltrão/Pato Branco;
3. **De transformação de plásticos**, em Londrina/Cambé;
4. **Metal-mecânica e de minerais não-metálicos**, nas regiões Metropolitanas de Curitiba e de Paranaguá;
5. **Processamento de soja e agro-químico**, na Região Metropolitana de Paranaguá e Ponta Grossa-Castro;
6. **Celulose, papel e papelão**, na região de Ponta Grossa-Castro;
7. **Moveleiro e desdobramento da madeira**, nas regiões de Guarapuava-Pitanga-Palmas e Irati-União da Vitória;
8. **De derivados da mandioca**, em Paranaíba.



Observa-se o enfraquecimento dos pólos têxteis (fiação de algodão) de Cornélio Procópio/Bandeirantes e Campo Mourão/Goioerê, provocado pela vertiginosa redução

da produção de algodão em caroço no Estado e conseqüentemente pelo processo de desativação de plantas beneficiadoras.

A consolidação de alguns arranjos produtivos distribuídos espacialmente na economia paranaense depende da ação conjunta do setor público e privado para incrementar quantitativa e qualitativamente o ambiente produtivo/tecnológico. Esse ambiente abrange: os serviços na área de ciência e tecnologia, os serviços técnicos especializados, o ensino e formação de mão-de-obra tecnicamente preparada para atender aos requisitos da nova indústria, os serviços de intermediação financeira e a existência de infra-estrutura física de apoio à produção e comercialização.

Essas reflexões permitem ressaltar a importância que a dimensão local assume no padrão atual de desenvolvimento industrial, no qual as estratégias empresariais baseadas na inovação, cooperação e interação entre os agentes são elementos essenciais para a sustentabilidade e competitividade do setor produtivo.

Os resultados dessa fase da pesquisa foram apresentados sob o enfoque regional, destacando as principais aglomerações especializadas e sua importância em nível regional, tipo de aglomeração, estrutura industrial e tendências.

Embora o resultado até agora apresentado com a metodologia aplicada e as informações utilizadas, não possibilite um diagnóstico aprofundado desses arranjos, seu grau de organização, características tecnológicas, com a continuação da pesquisa e sua conclusão esperamos contribuir para o aprofundamento dessas interpretações.

Referências:

- ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, E. & GENTILE, P. (org.). Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 09-23.
- BENKO, G. Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In: SANTOS, Milton et. all (org.). Território globalização e Fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1995. p. 51-71.
- CANUTO, O. A nova dinâmica regional brasileira e uma agenda de pesquisas para o Paraná. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba: IPARDES, n.94, p.9-28, maio/dez.1998.
- CUNHA, S. K. O papel das políticas e instituições no desenvolvimento industrial do Paraná. Revista de Economia, Curitiba: Ed. UFPR, v.21, n.19, p.101-135, 1995.
- CROCETTI, Z. S. Globalização, tecnologia, neoliberalismo e poder. Curitiba: Revista Paranaense de Geografia n.º 02, p. 31-39. Editora: Letra das Artes, 1997.
- DINIZ, C. C. A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas. Brasília: IPEA, 1995. (Texto para discussão, 375).
- GALVÃO, A. C.; VASCONCELOS, R. R. Política regional à escala sub-regional: uma tipologia territorial como base para um fundo de apoio ao desenvolvimento regional. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para discussão, 665).
- IPARDES. O Paraná Reinventado: política e governo. Curitiba, 1989.
- IPARDES. Avaliação de impacto socioeconômico do subcomponente manejo e conservação dos recursos naturais – 1ª fase. Curitiba, 2001. 2 v.
- IPARDES. Comunidades rurais pobres: avaliação de impacto socioeconômico – 1.ª etapa. Curitiba, 2001. 245 p.
- IPARDES. Crescimento, reestruturação e competitividade industrial no Paraná – 1985/2000. Curitiba, 2002.
- IPARDES. Indicadores e mapas temáticos para o planejamento urbano e regional. Curitiba, 2003. 1 CD-ROM.
- IPARDES. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 2000: anotações sobre o desempenho do Paraná. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br>>. Acesso em: 23 jan. 2005.
- LOURENÇO, G. Atração de empresas e concentração industrial no Paraná. Análise Conjuntural, v. 18, n.11-12, p.3, nov./dez.1996.
- MAMIGONIAN, A. Marxismo e “Globalização”: As origens da Internacionalização Mundial. In: SOUZA, Álvaro José de et. all (org.). Milton Santos Cidadania e Globalização. Bauru: Saraiva, 2000. p. 95-100.
- MEINERS, Wilhelm E. M. Impactos regionais dos investimentos automobilísticos no Paraná. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba: IPARDES, n.94, p.24-98, maio/dez.1998.
- MOURA, R.; KLEINKE, M. de L. U. Espacialidades de concentração na rede urbana da Região Sul. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba: IPARDES, n.95, p.3-25, maio/dez.1999.
- PACHECO, C. Novos padrões de localização industrial: tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para discussão, 633).
- SANTOS, M. O retorno do Território. In: SANTOS, M. all (org.). Território globalização e Fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1995. p. 15-20.
- SODRÉ, N W. A Farsa do Neoliberalismo. 5ª edição. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.
- VAZ, A. ; CARLEIAL, L. Mercado de trabalho na Região Sul: uma análise da década de noventa. Curitiba: UFPR, 2003. no prelo.